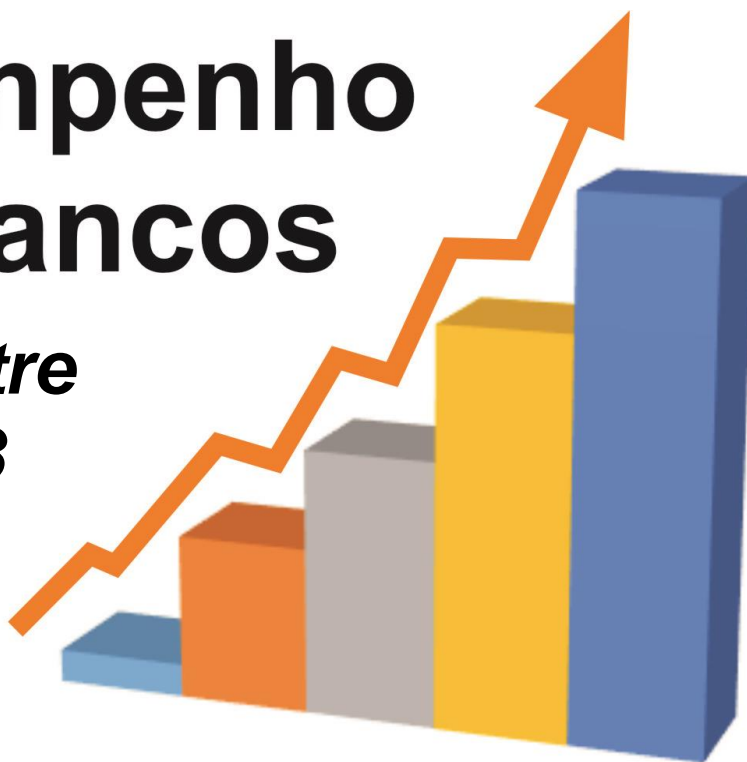


Desempenho dos Bancos

**1º semestre
de 2018**



**Lucro dos cinco maiores bancos do país
atinge quase R\$ 42 bilhões em seis meses**

*Juros elevados, tarifas cada vez mais altas e fechamento
de postos de trabalho garantem ganhos nos resultados*

Rede Bancários

DIIESE
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

DESEMPENHO DOS BANCOS

1º semestre de 2018

N O primeiro semestre de 2018, os cinco maiores bancos brasileiros em ativos apresentaram lucros expressivos e rentabilidade em alta, apesar do cenário econômico adverso que o país atravessa. Esses resultados se devem, entre outros fatores, à elevação das receitas com tarifas e serviços, mas principalmente à queda nas despesas de captação que acompanharam o movimento de redução da taxa básica de juros (Selic). Entretanto, apesar de a Selic estar em queda, os juros ao cliente bancário não caem na mesma proporção. Vale destacar ainda a redução nas Despesas de Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa, após forte elevação nos últimos anos.

As despesas com impostos (IR e CSLL) também caíram, em parte devido à entrada de créditos tributários, mas também em função de resultados menores em termos operacionais e da intermediação financeira, em relação ao mesmo período de 2017.

Apesar dos elevados resultados dos cinco bancos, que crescem a cada trimestre, observa-se forte reestruturação no setor, com o direcionamento dos serviços para estruturas virtuais (via mobile e internet), além do fechamento de muitas agências e postos de trabalho.

Esses são os principais destaques da 14ª edição do estudo *Desempenho dos Bancos*, produzido pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) - Rede Bancários.

Os gigantes do sistema financeiro nacional

O total de ativos das cinco maiores instituições bancárias do país, em 30 de junho de 2018, atingiu R\$ 6,2 trilhões, com evolução média de 3,8% em relação a junho de 2017. O patrimônio líquido atingiu R\$ 480,3 bilhões, com alta de 8,8%, enquanto as operações de crédito, num montante de R\$ 2,9 trilhões, cresceram 2,5% no período, como pode ser observado na Tabela 1.

TABELA 1
Destaques dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2018

Indicadores	1º semestre de 2018	Variação (%) Doze meses
Ativos Totais	6,2 trilhões	3,8%
Patrimônio Líquido	480,3 bilhões	8,8%
Operações de Crédito	2,9 trilhões	2,5%
Receita com as Operações de Crédito	184,5 bilhões	-1,7%
Resultado com Títulos e Valores Mobiliários (TVM)	86,5 bilhões	-21,7%
Despesas com Captação no Mercado	121,0 bilhões	-26,7%
Despesas com Empréstimos e Repasses	44,8 bilhões	123,2%
Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa	40,8 bilhões	-25,6%
Resultado Bruto da Intermediação Financeira	80,5 bilhões	-7,5%
Receita de Prestação de Serviços e Tarifas	66,0 bilhões	7,6%
Despesas de Pessoal + PLR	47,7 bilhões	1,0%
Resultado Operacional	44,3 bilhões	-4,7%
Lucro Líquido Total	41,9 bilhões	17,8%
Número de Agências	18.638	-507
Número de Funcionários	415.934	-6.861

Fonte: Demonstrações Financeiras Consolidadas dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

O Itaú Unibanco ainda é o maior banco do país, com ativos totais de R\$ 1,54 trilhão - alta de 6,5% em 12 meses. Os ativos do Banco do Brasil ficaram praticamente estáveis, totalizando R\$ 1,45 trilhão. No Bradesco, os ativos cresceram 4,2%, chegando a R\$ 1,24 trilhão. O Santander, por sua vez, apresentou o maior crescimento, (13,2%) e atingiu R\$ 739,1 bilhões. A Caixa foi a única instituição com queda nos ativos, em relação a junho de 2017. A variação foi de -0,4%, chegando a R\$ 1,27 trilhão.

Quase a metade dos ativos dos cinco bancos é composta pelas operações de crédito (mais de 46%). O saldo total dessas carteiras aumentou 2,5% e atingiu R\$ 2,9 trilhões. O Santander registrou a maior alta: 13,3%, chegando a R\$ 368,2 bilhões.

As operações de crédito da Caixa e do Banco do Brasil tiveram queda de 2,9% e 1,5%, somando R\$ 695,3 bilhões e R\$ 685,5 bilhões, respectivamente. No Bradesco, a carteira de crédito chegou a R\$ 515,6 bilhões, com alta de 4,5%. Já a carteira do Itaú obteve crescimento de 6,1% e totalizou R\$ 623,3 bilhões.

Desde 2015, o Brasil passa por uma das maiores e mais longas recessões, com reflexo negativo no nível dos investimentos no país, crescimento do desemprego e queda da renda da população e, conseqüentemente, significativa redução na demanda por

crédito. Como são extremamente conservadoras em relação a riscos, as instituições financeiras adotaram uma postura pró-cíclica, com desaceleração da oferta de crédito.

Os bancos públicos que, em outras circunstâncias, atuaram de forma anticíclica, para incentivar a atividade econômica, atualmente, seguem a mesma estratégia das instituições privadas e restringem o crédito.

Os grandes bancos direcionaram os recursos das carteiras de crédito especialmente para as linhas de menor risco, como o imobiliário e o consignado, modalidades com as menores taxas de inadimplência. Com isso, observa-se, nos últimos trimestres, queda nos índices de inadimplência para atrasos superiores a 90 dias nas cinco instituições. As taxas variaram entre 2,5% e 3,9%, no 1º semestre de 2018, enquanto no mesmo período de 2017, chegaram a 4,9% (Tabela 2). A taxa média no sistema financeiro nacional, em junho de 2018, foi de 3,2% do total do crédito no país.

TABELA 2
Taxas de inadimplência(1) dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2018 (em %)

Bancos	Junho		Variação (em p.p.)
	2017	2018	
Itaú Unibanco	3,9%	3,4%	-0,5
Bradesco	4,9%	3,9%	-1,0
Banco do Brasil	4,1%	3,3%	-0,8
Santander	2,9%	2,8%	-0,1
Caixa Econômica Federal	2,52%	2,50%	-0,02

Fonte: Demonstrações Financeiras Consolidadas dos Bancos

Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Nota: (1) Atrasos superiores a 90 dias

Em consequência da menor inadimplência, foram reduzidas as despesas de Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa em quatro das cinco instituições financeiras. Apenas o Santander aumentou as despesas em 8,9%, mas esse crescimento ocorreu devido à elevação da carteira de crédito. Na média, as despesas com Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa nos cinco bancos caíram 25,6% em 12 meses, totalizando R\$ 40,8 bilhões, diante de R\$ 54,9 bilhões no mesmo período de 2017. Assim, Itaú, Bradesco, Caixa e Banco do Brasil, reduziram as despesas com devedores duvidosos em 28,0%; 39,6%; 30,9% e 19,4%, respectivamente.

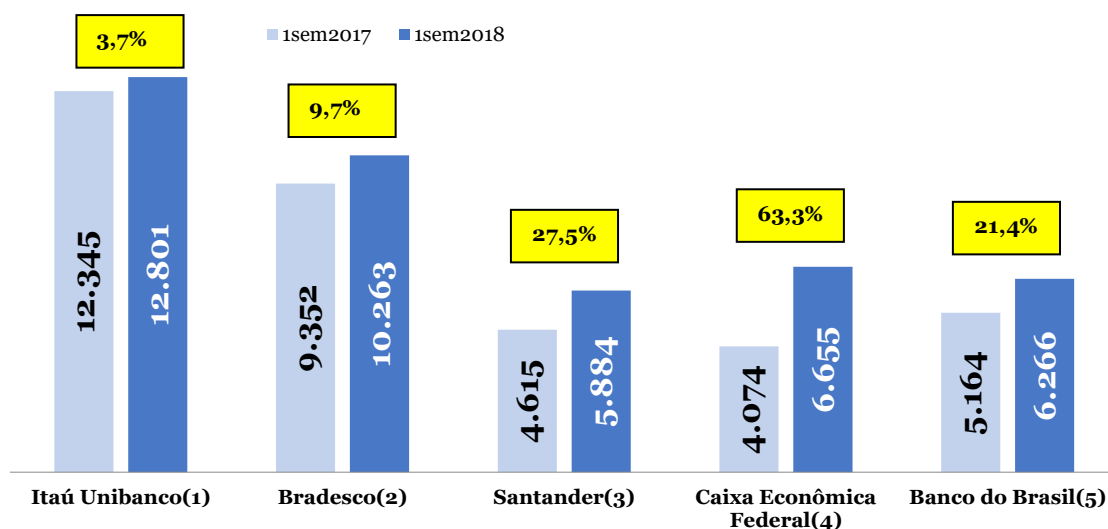
O patrimônio líquido (PL) ou “capital próprio” dos cinco maiores bancos apresentou crescimento médio de 8,8%, totalizando R\$ 480,3 bilhões. O maior crescimento foi o da Caixa (22,0%), R\$ 80,4 bilhões. Em seguida, vem o Banco do Brasil, com alta de 13,1%, atingindo um montante de R\$ 102,6 bilhões. No Bradesco, o aumento foi de 5,8%, atingindo R\$ 113,0 bilhões. O capital próprio do Santander teve alta de 4,9% e chegou a R\$ 62,5 bilhões (o menor dos cinco). O capital próprio do Itaú, por sua vez, apresentou a menor variação no período (alta de 2,9%, somando R\$ 121,8 bilhões – o maior entre os cinco bancos).

Lucros e rentabilidade

Apesar do cenário econômico difícil, os resultados financeiros dos maiores bancos do país atingiram níveis históricos. O lucro líquido dos cinco bancos somou R\$ 41,9 bilhões no semestre, montante 17,8% superior ao registrado em junho de 2017. O resultado pode ser explicado, em parte, pela redução média de 26,7% nas despesas de captação no mercado, influenciada pelas seguidas quedas da taxa básica de juros da economia - Selic (em termos nominais, a redução dessa conta foi de R\$ 44,1 bilhões). Por se tratar da principal despesa das instituições financeiras, ela exerce significativa influência nos resultados. A queda de 25,6% nas despesas de provisão para crédito de liquidação duvidosa também contribuiu para elevar o lucro dos bancos. Outro item responsável por esse expressivo resultado foi a diminuição de cerca de R\$ 10 bilhões nos valores pagos com impostos e contribuições, o que será detalhado adiante.

O maior lucro líquido do período foi obtido pelo Itaú Unibanco: R\$ 12,8 bilhões, com alta de 3,7% em 12 meses. O segundo lugar é do Bradesco, com R\$ 10,3 bilhões e crescimento de 9,7%. Na Caixa, o lucro líquido também atingiu uma marca histórica para um semestre e chegou a quase R\$ 6,7 bilhões, alta de 63,4%, a maior variação no período. O Banco do Brasil apresentou lucro líquido de R\$ 6,3 bilhões, com evolução de 21,4%. Já o Santander obteve um lucro líquido gerencial de R\$ 5,9 bilhões, com crescimento de 27,5% (Gráfico 1).

GRÁFICO 1
Lucro líquido dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2017 e 1º semestre de 2018 (em R\$ milhões)



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Nota: (1) LL Recorrente; (2) LL Recorrente; (3) LL Gerencial; (4) LL Contábil; (5) LL Ajustado

A rentabilidade das maiores instituições do país também foi ampliada em função dos resultados, com variação entre 13,3%, no Banco do Brasil, e 22,0%, no Itaú Unibanco, em junho de 2018. O maior crescimento foi observado na Caixa, passando de 9,0% para 15,4% de retorno sobre o patrimônio líquido (Tabela 3).

TABELA 3
Rentabilidade sobre o patrimônio líquido médio dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2017 e 1º semestre de 2018 (em %)

Bancos	Junho		Variação (em p.p.)
	2017	2018	
Itaú Unibanco	21,8%	22,0%	0,2
Bradesco	18,2%	18,5%	0,3
Banco do Brasil	12,4%	13,3%	0,9
Santander	15,9%	19,3%	3,4
Caixa Econômica Federal	9,0%	15,4%	6,4

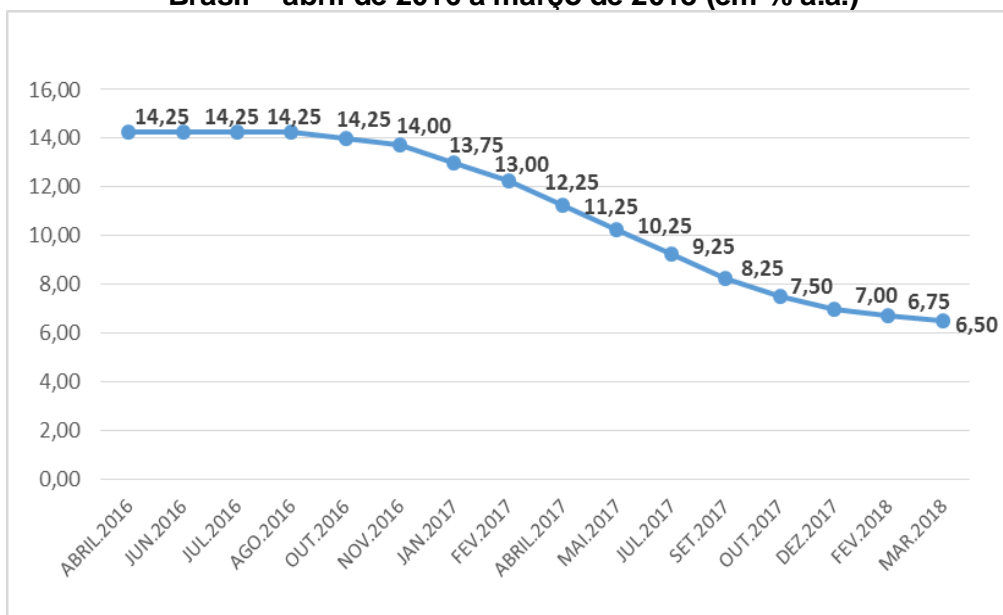
Fonte: Demonstrações Financeiras Consolidadas dos Bancos

Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

A influência da redução da taxa Selic nos resultados do período

Os resultados dos bancos no semestre sofreram impactos por conta das sucessivas reduções na taxa básica de juros da economia do período (Selic – Gráfico 2). Por um lado, as receitas com títulos e valores mobiliários (TVM) foi afetada negativamente, mas, por outro, as despesas com captação no mercado também apresentaram queda, gerando efeito positivo nos lucros.

GRÁFICO 2
Evolução da Taxa Selic
Brasil – abril de 2016 a março de 2018 (em % a.a.)



Fonte: Banco Central do Brasil

A conta de resultado com TVM, além de ser afetada pelas mudanças na Selic, também sofre efeitos com variações no câmbio e índices de preços (inflação), ou seja, dependendo de como está a composição da carteira do banco, os impactos serão maiores ou menores em relação a cada item.

No primeiro semestre de 2018, essa conta recuou 21,7%, em média, totalizando cerca de R\$ 86,5 bilhões nos cinco bancos juntos (queda absoluta de R\$ 24,0 bilhões). As maiores reduções ocorreram na Caixa (-41,6%), no Bradesco (-28,3%) e Banco do Brasil (-25,8%). Essa conta cresceu apenas no Santander (27,5% em 12 meses, chegando a R\$ 12,4 bilhões) - Tabela 4.

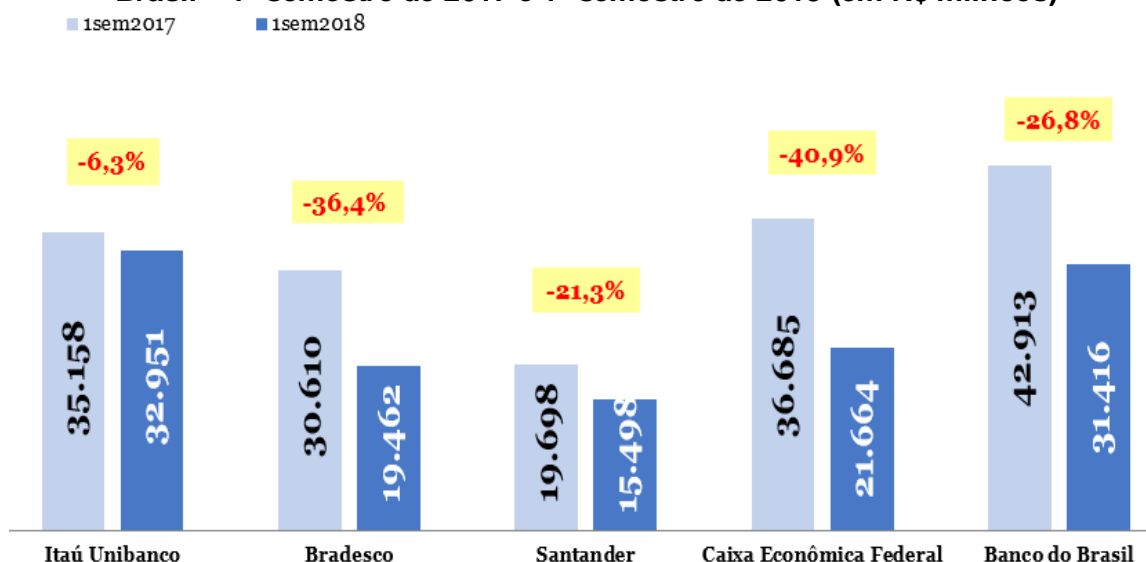
TABELA 4
Resultado com TVM nos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2017 e 1º semestre de 2018 (em R\$ milhões)

Bancos	Junho		Variação (em %)
	2017	2018	
Itaú Unibanco	28.441	24.093	-15,3%
Bradesco	22.344	16.011	-28,3%
Banco do Brasil	29.539	22.040	-25,4%
Santander	9.742	12.424	27,5%
Caixa Econômica Federal	20.381	11.905	-41,6%
Total	110.447	86.473	-21,7%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Por outro lado, as despesas de captação, que representam a principal despesa dos bancos, tiveram queda de 26,7%, totalizando R\$ 121,0 bilhões. A economia nos cinco bancos, somados, chegou a R\$ 44 bilhões. O Gráfico 3 mostra que a maior redução ocorreu na Caixa Econômica Federal (-40,9%): pouco mais de R\$ 15 bilhões no período.

GRAFICO 3
Despesas com Captação no Mercado dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2017 e 1º semestre de 2018 (em R\$ milhões)



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

No Bradesco, a redução foi de 36,4%, equivalente a R\$ 19,5 bilhões. No Santander, a queda na conta foi de 21,3%, ou R\$ 15,5 bilhões. Apenas no Itaú, a variação percentual foi menor, com queda de 6,3% nas despesas com captação no mercado (em termos absolutos, a conta totalizou R\$ 33,0 bilhões).

Prestação de serviços e tarifas X despesas de pessoal

Apesar de ser fonte secundária de receitas, já que a principal são as de intermediação financeira, os serviços bancários e renda de tarifas representam parcela importante da receita total dos bancos. Nos primeiros seis meses do ano, as receitas com prestação de serviços, somadas às tarifas bancárias, cresceram 7,6% e atingiram cerca de R\$ 66,0 bilhões. O Santander apresentou a maior alta, 12,1% no período. No Itaú, o crescimento foi de 8,9%. Bradesco e Caixa tiveram crescimento de 6,1% e 6,5%, respectivamente, enquanto no Banco do Brasil, a alta foi de 5,5%. A Tabela 5 demonstra os montantes auferidos por cada banco, os quais variaram entre R\$ 8,4 bilhões e R\$ 18,8 bilhões.

TABELA 5
Receita de prestação de serviços mais renda de tarifas dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2017 e 1º semestre de 2018 (em R\$ milhões)

Bancos	Junho		Variação (em %)
	2017	2018	
Itaú Unibanco	17.297	18.840	8,9%
Bradesco	11.656	12.365	6,1%
Banco do Brasil	12.645	13.346	5,5%
Santander	7.501	8.409	12,1%
Caixa Econômica Federal	12.230	13.024	6,5%
Total	61.329	65.984	7,6%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Quanto às despesas de pessoal, os cinco bancos apresentaram crescimento de apenas 1,0%, considerando o pagamento da Participação nos Lucros e Resultados (PLR)

aos trabalhadores. O maior incremento ocorreu no Itaú (5,1%), totalizando R\$ 11,3 bilhões. No Santander, o aumento foi de 4,3% e chegou a R\$ 4,6 bilhões.

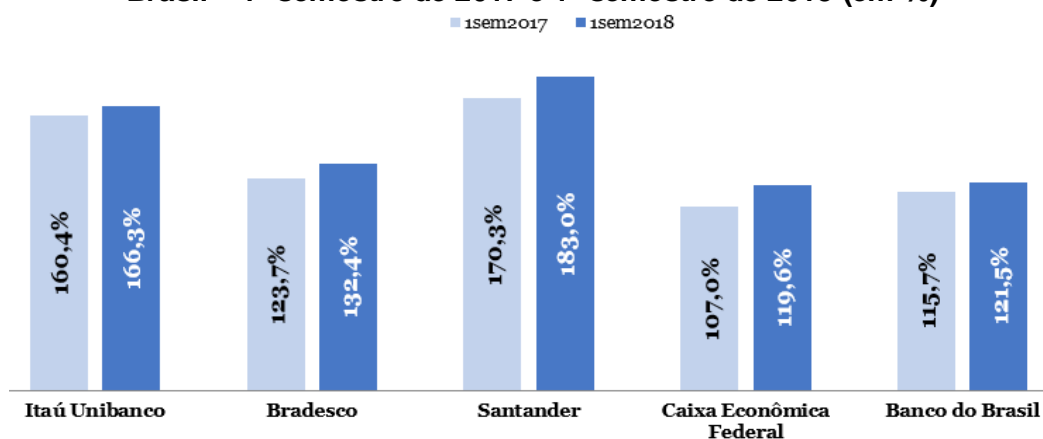
No que se refere às despesas de pessoal, Caixa e Bradesco já sentiram os reflexos de Programas de Desligamento Voluntário (PDV), que implementaram em julho 2017 (logo após a aprovação da Reforma Trabalhista - Lei nº 13.467/2017). Ambos apresentaram variações negativas nas despesas de pessoal, incluídos os gastos com PLR. Na Caixa, a redução foi de 2,2%, totalizando R\$ 11,4 bilhões e, no Bradesco, de 0,8%, R\$ 9,3 bilhões.

No Banco do Brasil, a conta permaneceu praticamente estável, com variação de apenas 0,4% em 12 meses e valor de R\$ 11,0 bilhões.

Vale lembrar que as despesas de pessoal compreendem os gastos com folha de pagamento (remuneração, PLR, encargos sociais e benefícios), bem como com treinamentos e processos trabalhistas.

Comparando o total de receita de prestação de serviços e tarifas bancárias com o total das despesas de pessoal das instituições, nota-se que somente a arrecadação com prestação de serviços e tarifas bancárias cobriram com bastante folga as despesas com funcionários nas maiores instituições financeiras do país, conforme mostra o Gráfico 4. O melhor resultado foi o do Itaú (183,0%) e depois o do Santander (166,3%).

GRÁFICO 4
Relação entre as despesas de pessoal
e as receitas com prestação de serviços e tarifas
Brasil – 1º semestre de 2017 e 1º semestre de 2018 (em %)



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Novamente, impostos afetam positivamente o resultado dos bancos no período

Uma rubrica com destaque nos balanços dos maiores bancos é, desde 2015, a dos impostos, na qual estão incluídos, o imposto de renda (IR) e a contribuição social sobre o lucro líquido (CSLL).

Os cinco bancos juntos economizaram cerca de R\$ 10,0 bilhões com esse item, de acordo com os balanços no primeiro semestre de 2018, em relação ao mesmo período de 2017. Essa redução deve-se, em parte, aos menores resultados operacionais, mas indica também alguma utilização de créditos tributários aos quais as instituições faziam jus, e que acabam tornando a despesa de impostos receita, como aconteceu com Santander e Bradesco.

TABELA 6
Resultado com impostos nos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2017 e 1º semestre de 2018 (em R\$ milhões)

Bancos	Junho		Variação
	2017	2018	Absoluta
Itaú Unibanco	-4.529	-174	4.355
Bradesco	-2.603	405	3.008
Banco do Brasil	-1.975	-1.153	822
Santander	-1.269	1.936	3.205
Caixa Econômica Federal	674	-725	-1.399
TOTAL	-9.702	289	9.991

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Esse comportamento atípico no pagamento de tributos pelos bancos, já no 1º semestre de 2017, havia chamado a atenção do Fisco, que resolveu investigar as causas da redução dos valores recolhidos¹.

¹ Folha de S. Paulo, 25.08.2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/09/1920706-receita-investiga-se-grandes-bancos-do-pais-estao-sonogando-tributos.shtml>

Reestruturação Bancária: corte de postos de trabalho, fechamento de agências e crescimento das transações em canais virtuais

Bradesco (368), Banco do Brasil (126) e Caixa (28) fecharam juntos 522 agências bancárias, entre junho de 2017 e junho de 2018 (Tabela 7). Apenas Santander e Itaú apresentaram saldo positivo, porém pequeno (oito agências abertas no Itaú e sete, no Santander).

TABELA 7
Número de agências bancárias nos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2017 e 1º semestre de 2018

Bancos	Junho		Variação	
	2017	2018	%	Nominal
Itaú Unibanco	3.523	3.531	0,2%	8
Bradesco	5.068	4.700	-7,3%	-368
Banco do Brasil	4.885	4.759	-2,6%	-126
Santander	2.255	2.262	0,3%	7
Caixa Econômica Federal	3.414	3.386	-0,8%	-28
Total	19.145	18.638	-2,6%	-507

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Esse movimento está relacionado à política empreendida pelos maiores bancos do país de migração dos clientes das plataformas tradicionais de atendimento, como as agências bancárias, para os canais digitais (*internet e mobile banking*). Exemplo claro dessa estratégia é implementada pelo Itaú que, desde março de 2014, fechou 383 agências físicas e abriu 158 outras, digitais (média de 2,4 agências fechadas para abrir uma digital).

Cabe ressaltar que o Itaú Unibanco concluiu, em 2017, a aquisição das operações de varejo no Brasil do Citibank, incorporando à rede as 71 agências daquele banco. Diante do saldo do Itaú, portanto, já se observa que é significativo o fechamento das agências adquiridas nessa transação. No período, foram abertas seis agências digitais, chegando a 160 unidades. O banco também havia definido, em 2015, um projeto para

fechar metade da rede de agências em até 10 anos e transferir os clientes para atendimento 100% digital². O Itaú segue firme nessa investida. Grande parte das transações no banco, no 1º semestre desse ano, já ocorreu por meio dos canais digitais: 18% do volume financeiro das operações de crédito, 38% do montante dos investimentos e 79% do volume de pagamentos. O banco possui 10,3 milhões de clientes que são pessoas físicas e usuárias dos canais digitais.

A reestruturação nos grandes bancos passa pela introdução acelerada de novas tecnologias e digitalização de processos, mas principalmente pelo encolhimento das estruturas físicas e de pessoal. Desde 2012, observa-se contínua redução no número de trabalhadores nos bancos. Entre junho de 2017 e junho de 2018, o total de empregados nas cinco instituições financeiras passou de 422.795 para 415.934 (incluindo os 2.897 empregados do Citibank absorvidos pelo Itaú). O saldo no ano foi de extinção de 6.861 postos de trabalho (Tabela 8).

TABELA 8
Número de empregados nos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2017 e 1º semestre de 2018

Bancos	Junho		Variação	
	2017	2018	%	Nominal
Itaú Unibanco	81.252	86.144	6,0%	4.892
Bradesco	105.143	97.683	-7,1%	-7.460
Banco do Brasil	99.603	97.675	-1,9%	-1.928
Santander	46.596	48.008	3,0%	1.412
Caixa Econômica Federal	90.201	86.424	-4,2%	-3.777
Total	422.795	415.934	-1,6%	-6.861

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Com a aquisição do HSBC Brasil, o Bradesco incorporou cerca de 20 mil trabalhadores. No entanto, o banco já eliminou quase 60% dos postos de trabalho. Foram fechados 12.239 vagas entre setembro de 2016 (data da consolidação) e junho de 2018. O banco divulgou que o PDV, anunciado em julho de 2017, contou com 7,4 mil adesões, a

² <https://dialogospoliticos.wordpress.com/2015/08/25/itau-unibanco-pode-fechar-pelo-menos-metade-das-agencias-em-10-anos/>

um custo total de R\$ 2,3 bilhões. O Bradesco estima que deve reduzir R\$ 1,5 bilhão por ano com as despesas de pessoal. A utilização dos canais digitais, assim como no Itaú, também é forte. No 1º semestre de 2018, 53% do total de transações ocorreram por meio de *smartphones* e 31% pelo *internet banking*. Por outro lado, apenas 1% das transações ocorreu nas agências. O restante foi feito por autoatendimento (11%), correspondentes bancários (3%) e telefone (1%).

Os bancos públicos também seguem reduzindo postos de trabalho. A Caixa, por exemplo, em fevereiro de 2017, anunciou um Programa de Desligamento Voluntário Extraordinário (reaberto em julho do mesmo ano). Mas, já no início de 2018, anunciou reabertura do PDV, visando atingir quase três mil adesões. No 1º semestre de 2018, foram fechados 3.777 postos de trabalho na instituição, em relação ao 1º semestre de 2017. Em relação à utilização dos canais digitais, segundo a Caixa, nos primeiros seis meses de 2018, foram realizadas 773 milhões de transações via *mobile banking*, avanço de 35,7% em 12 meses. Nas agências e pontos de atendimento, as transações totalizaram 175 milhões, recuo de 16,8%.

No Banco do Brasil, foram fechados 1.928 postos no período. No que se refere às transações financeiras, 77% daquelas realizadas no 1º semestre de 2018 ocorreram por meio da internet ou do celular. São 15,7 milhões de clientes realizando operações via *smartphone* e 22,1 milhões de usuários de internet.

O Santander, por sua vez, apresentou saldo positivo de 1.412 postos de trabalho. Entretanto, isso ocorreu devido à incorporação, no 1º trimestre, de trabalhadores da área de tecnologia de informação (TI) que, antes, eram terceirizados. Em junho de 2018, o banco possuía 9,8 milhões de clientes digitais, o que representa crescimento de 33% em relação a junho de 2017.

Considerações finais

Em 2018, em diversos aspectos, permanecem os sinais da recessão na economia brasileira iniciada em 2015, com graves consequências sobre o desempenho do mercado de trabalho, como revelam as elevadas taxas de desemprego e a precarização dos contratos de trabalho. No campo da política monetária, apesar das sucessivas quedas na Selic, os bancos seguem com taxas de juros extremamente elevadas, restringindo e

desestimulando o crédito produtivo e o consumo das famílias, inviabilizando retomada do crescimento. Além disso, em julho de 2017, foi aprovada a reforma trabalhista que, junto com a nova lei da terceirização, já produz estragos sobre o mercado de trabalho, aumentando a precarização.

O cenário geral é totalmente adverso, mas os bancos conseguiram ampliar ativos e lucros com base em uma estratégia regressiva na oferta de crédito e no atendimento bancário no país. Apostaram na transferência das operações dos clientes para canais virtuais, com baixíssimo custo para as instituições, e no enxugamento das estruturas físicas e funcionais de atendimento. Como observado aqui, os bancos acabaram com o atendimento em mais de 500 agências, entre junho de 2017 e junho de 2018, e continuaram a eliminar milhares de postos de trabalho por todo o país, inclusive por meio de programas de desligamentos voluntários.

Cada vez mais, torna-se necessário um profundo debate acerca do papel desempenhado pelo sistema financeiro nacional no Brasil. Mesmo diante de um cenário de recessão econômica prolongada, os bancos apresentam resultados muito superiores aos de outras empresas dos mais diversos portes e setores do país, a partir, entre outras razões, de cobranças abusivas de juros e tarifas bancárias. E ainda contribuem para agravar a situação de desemprego no país ao fechar, ano após ano, milhares de postos de trabalho. É cada vez mais importante e urgente o debate de questões como a redução dos *spreads* bancários, o aumento do crédito para reativar a atividade econômica, a elevada concentração de mercado no setor financeiro, as formas de distribuir os ganhos de produtividade oriundos das novas tecnologias e as formas como o sistema financeiro nacional deve se inserir em um projeto de desenvolvimento econômico e social com distribuição de renda e geração de emprego de qualidade.



Rua Aurora, 957 – 1º andar
CEP 05001-900 São Paulo, SP
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
E-mail: en@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Presidente: Bernardino Jesus de Brito

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo - SP

Vice-presidente: Raquel Kacelnikas

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

Secretário Nacional: Nelsi Rodrigues da Silva

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Diretor Executivo: Alex Sandro Ferreira da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP

Diretor Executivo: Antonio Francisco Da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP

Diretor Executivo: Carlos Donizeti França de Oliveira

Federação dos Trabalhadores em Serviços de Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de São Paulo - SP

Diretora Executiva: Cibele Granito Santana

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Campinas - SP

Diretor Executivo: Elna Maria de Barros Melo

Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco - PE

Diretora Executiva: Mara Luzia Feltes

Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul - RS

Tesoureiro: Milson Antunes Pereira

Federação dos Sindicatos de Metalúrgicos da CUT do Estado de São Paulo - SP

Diretor Executivo: Paulo Roberto dos Santos Pissinini Junior

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR

Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa

Sindicato dos Eletricistas da Bahia - BA

Diretor Executivo: Sales José da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das Cruzes e Região - SP

Diretora Executiva: Zenaide Honório

Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - SP

Direção Técnica

Diretor técnico: Clemente Ganz Lúcio

Coordenadora de pesquisas e tecnologia: Patrícia Pelatieri

Coordenador de educação e comunicação: Fausto Augusto Júnior

Coordenador de relações sindicais: José Silvestre Prado de Oliveira

Rede Bancários

Barbara Valejos, Catia Uehara, Felipe Miranda, Fernando Amorim, Gustavo Cavarzan, Valmir Gongora e Vivian Machado